

A HIPERATIVIDADE E A ESCOLARIZAÇÃO

Glória das Graças Schmitel da Penha Lemos¹

RESUMO

Este artigo mostra a hiperatividade na escolarização da criança de maneira clara e abrangente. Relata os problemas causados e sofridos pelo hiperativo no relacionamento escolar e no convívio social onde com um tratamento psicológico, muita dose de amor, paciência, tolerância e disciplina é capaz de amenizar o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH. Em sala de aula, a criança hiperativa, frequentemente exige uma atenção especial por parte do professor e cabe a este, saber contornar o problema, como posicionar este aluno em sala de aula e como proceder nas tarefas e no relacionamento, sendo um mediador entre a criança com TDAH e os demais alunos. Embora o TDAH seja mais comum nos meninos do que nas meninas em função do hormônio testosterona que eles apresentam, pesquisas apontam que nas meninas o fator complicativo é bem mais intenso. O essencial em ambos os casos é o reconhecimento da doença e a busca de soluções.

Palavras chave: Hiperatividade. Criança. Escola.

1 INTRODUÇÃO

Escolher uma escola não é uma tarefa muito difícil, entretanto deve-se observar como a escola atua no desenvolvimento das habilidades e valores no educando. Educa-se para a vida e não somente para provas e vestibulares. Conhecer por conhecer não dá conta de ampliar a compreensão de mundo, e conhecimento que não ilumina o mundo não é conhecimento.

As propostas das escolas refletem os novos paradigmas, apesar de muitas vezes não conseguir colocá-los em prática. Hoje a linguagem é outra, mudou-se os termos, os métodos, as técnicas. Estimula-se muito mais a curiosidade, o aprender a aprender.

¹ Graduada em Pedagogia e Artes Visuais. Pós-graduada em Alfabetização, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos e Mestranda em Ciências da Educação. E-mail: gloriagleemos@terra.com.br.

Escolher uma escola nos dias atuais passou então a ser um desafio. E não é por

acaso que no início de cada ano letivo, vários jornais e revistas destinam matérias sobre o tema, tentando ajudar os pais a entender a proposta pedagógica da escola.

2 A ESCOLA

As escolas que não conhecem o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, e não corroboram para conhecê-lo, estas devem ser rejeitadas, pois conhecendo o transtorno e as técnicas de trabalho em sala de aula, o professor tem a habilidade de proporcionar mudanças significativas com a aprendizagem, portanto ele deve ser orientado para conhecer e atuar de forma mais eficiente.

Para delinear ações na organização de uma educação que aceite as diferenças individuais e gere a aprendizagem no sentido de atender as necessidades das crianças para uma educação inclusiva, ocorreu em 1994, na Espanha, a Conferência Mundial sobre as Necessidades Educativas Especiais, aprovando assim, a Declaração de Salamanca com o objetivo de:

[...] promover a Educação para Todos analisando as mudanças fundamentais de políticas necessárias para favorecer o enfoque da educação integradora, capacitando realmente as escolas para atender todas as crianças, sobretudo as que têm necessidades especiais (BRASIL, 2016a, p. 5).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 2016b) dispõe em seu artigo 15 sobre a proteção integral da criança e do adolescente:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN veio através do seu artigo 59, formalizar:

Art. 59º. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (BRASIL, 2016c).

É relevante conhecer algumas ações importantes para escolher uma escola que possa acolher uma criança ou adolescente com o transtorno: ⇒ Deve-se levar em conta as diferenças individuais de aprendizagem;

⇒ Deve-se utilizar critérios variados de avaliação;

⇒ As classes devem ter números pequenos de alunos, para maior atenção individual;

⇒ Os trabalhos devem ser feitos em pequenos grupos;

⇒ A sala de aula deve ser a mais próxima do banheiro e o aluno deve sentar-se longe da janela;

⇒ A sala não deve ser muito estimulante. Na parede deve ter cartaz que lembrem os compromissos (provas, trabalhos, afazeres);

⇒ As mesas não devem ficar muito juntas;

⇒ Deve-se fazer um teste se os alunos com TDAH saem-se melhor nas primeiras fileiras ou nas últimas;

⇒ O professor deve manter certa proximidade física mais não ficar se movendo na frente da sala o tempo todo.

Do mesmo modo como se ensina o conteúdo mais fácil e depois se progride para aquele mais difícil, as exigências devem começar pelas mais simples e depois passar as mais complexas. Lembre-se, entretanto, de que aquilo que pode ser fácil para um aluno comum (como ficar sentado prestando atenção) pode ser difícil para um aluno que têm TDAH (MATTOS, 2001, p. 106).

O professor deve lançar mão de todos os recursos disponíveis para ajudar a essa criança, até que consiga descobrir o estilo de aprendizagem do aluno com TDAH. Deve também planejar e organizar muito bem o ambiente em sala de aula, de forma a reduzir a presença de estímulos que venham competir com a atenção do aluno, esse fato poderá facilitar aprendizagem. Quando um estímulo for considerado útil com o propósito de recurso para trabalhar determinado conteúdo, quer em termos de controle de atenção ou termos de motivação, deverá ser introduzido no ambiente no momento adequado e retirado a seguir.

De acordo com Benczik (2002, p. 35), “[...] deve-se ter conhecimento das dificuldades da concentração da criança, durante um tempo prolongado, para selecionar a informação relevante em cada problema de forma a estruturar e realizar uma tarefa”. Importante também, criar grupos de trabalhos com números de componentes reduzidos. Organizar uma rotina diária e manter o ambiente escolar preparado auxiliará a criança a ter equilíbrio emocional. A educação física é primordial, embora esta criança sempre apronte nas aulas, entretanto o professor deve saber lidar com esses momentos de impulsividade.

O atendimento individualizado é de suma importância para o aluno TDAH. Essa criança pode ser útil assistente do professor, podendo auxiliá-lo sempre. A intensidade da voz do professor também é relevante, pois não deve falar alto demais e muito menos baixo, pois professores que falam muito baixo costumam não conseguir com que a criança se concentre no que está explicado. Outra medida é reforçar o que está sendo explicado, porque garante a manutenção do estar atento.

Planejar o início das aulas, das atividades, das tarefas que serão desenvolvidas são estratégias específicas para manejo de comportamento, mantém a rotina de trabalho e também facilita o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Rohde e Benczik (1999, p. 37),

[...] o reforço positivo do comportamento esperado é o aspecto mais importante em qualquer estratégia ou programa de redução do comportamento hiperativo. Por exemplo: combine com o aluno que o comportamento esperado dele é que levante uma vez a cada duas horas para

ir ao banheiro e se levante uma vez por turno para apontar o lápis ou conversar com o colega.

O professor deve guiar o aluno antecipadamente sobre o que se espera dele em termos de comportamento e aprendizagem, e assim, ele se sente mais seguro. Além disso, devem-se evitar estratégias de punições, advertências ou expulsões. Nos momentos de muita hiperatividade é preciso que se permita ao aluno deixar a sala de aula, por alguns minutos, a fim de reorganizar-se internamente, como também é importante separá-los de colegas que estimulem comportamento inadequado. O professor deve monitorar os progressos do aluno em relação ao comportamento esperado. Em cada dia que ele alcançar o combinado, reforce positivamente isto, por meio de elogios e recompensas. Uma recompensa poderá nomeá-lo como ajudante no dia seguinte. Estimular o aluno a pensar em soluções e alternativas, através de desenhos ou escritas, sobre situações ocorridas, facilita o desenvolvimento de um autocontrole positivo.

O desempenho escolar do aluno é marcado pela instabilidade. Em um momento ele é brilhante, e em outro, inexplicavelmente, não consegue sequer entender os conteúdos. Para tanto, segundo Silva (2003, p. 62)

[...] o professor que desconhece o problema pode acabar concluindo que essa criança é irresponsável ou rebelde, pois em um dia pode estar produtiva participante, mas no dia seguinte simplesmente não prestar atenção em nada e não levar a cabo os deveres.

Silva apresenta bem a necessidade do professor conhecer o problema do seu aluno, senão será taxado de adjetivos que realmente não recai sobre ele.

2 TDAH – TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Os alunos com o TDAH têm o hábito de errar coisas que são capazes de entender, apenas, porque não prestaram atenção a certos detalhes, ou porque fizeram leitura automática. Mattos (2001, p. 107, 108) ressalta que se o aluno apresenta incapacidade de abstrair conceitos, se tem dificuldades de armar e resolver contas e não consegue

interpretar textos mesmos seguindo todas as sugestões e cuidados com esse aluno, e mesmo assim não atinge o objetivo, é provável que exista algum outro problema associado ao TDAH. Afirma ainda que as dificuldades de aprendizagem que podem coexistir com TDAH são:

1 – Transtorno do Aprendizado:

- a) Transtorno da leitura: que é denominado Dislexia. Nesse transtorno existem graus que variam entre os graves (nesse caso não será possível à alfabetização) até os mais leves. Na dislexia, existe uma dificuldade de leitura que pode ser evidenciada pela leitura em voz alta (caracterizada por uma leitura silabada, aos tropeços com hesitação e palavras lidas incorretamente) e pela interpretação que é muito ruim, tanto na leitura silenciosa ou em voz alta. A escrita geralmente também é ruim.

- b) Transtorno da escrita: que é denominada Disgrafia e Disortografia. Nesse caso a grafia é muito ruim (uma letra variando de forma e tamanho, sobe e desce, uso errado do papel, garranchos), existe uma incompetência de se expressar por escrito (frases muito curtas, sem sentido, sem conjunção ou preposição ordem das palavras invertidas, atrapalhando a compreensão de quem irá ler), porém a expressão oral é inteiramente normal.

- c) Transtorno da matemática: que é denominado Discalculia. Corresponde a uma dificuldade muito grande de operar os conceitos matemáticos, seja por escrito ou oralmente.

2 – Transtorno da Linguagem: segundo Mattos (2001), esses são problemas bem mais graves que os anteriores.

- a) Expressivo: é quando existe muita dificuldade de se expressar, tanto oralmente quanto por escrito. Geralmente são crianças que começam a falar bem mais tarde que o normal, e usam frases curtas apenas com substantivos e verbos. Os advérbios, preposições e conjunções raramente são utilizados. Os adjetivos são utilizados muitas vezes com o sentido diferente. O vocabulário é bastante reduzido. Possui enorme

dificuldade em ditados e redações, porque a expressão escrita é tão deficitária quanto a oral. Entretanto a compreensão dessas crianças é normal. Em geral, essas crianças são tidas como tímidas.

b) Expressivo-receptivo: nesse caso, além das dificuldades de expressão mencionada anteriormente, existe a dificuldade de compreensão. A ocorrência de problemas psiquiátricos é muito comum nesses casos.

Alguns estudos feitos na década de 1970 sugeriram que 40% a 80% das crianças hiperativas vivenciam uma incapacidade específica no aprendizado (dificuldades de leitura, grafia, matemática, linguagem escrita ou falada). As pesquisas mais recentes constataram que aproximadamente 10% a 30% das crianças hiperativas exibem atrasos nas aptidões escolares suficientes para se determinar um diagnóstico de inapetência de aprendizado (GOLDSTEIN; GOLDSTEIN, 1994, p. 107).

A criança hiperativa possui uma forte influência no comportamento do professor em relação à classe de forma geral. “Os estudos mostram que as interações negativas globais entre professores e todas as crianças da classe eram maiores em classes com crianças hiperativas que tinham problemas significativos” (GOLDSTEIN; GOLDSTEIN, 1994, p. 109).

Diversas crianças hiperativas vivenciam uma extensa gama de problemas comportamentais ou emocionais secundários na escola, como resultado de sua incapacidade de atender as cobranças da sala de aula. São problemas que por diversas vezes, se manifestam em resposta aos constantes fracassos, que se repetem dia após dia. Como resposta, algumas crianças ficam deprimidas e se retraem, enquanto outras passam a ser irritantes e agressivas.

Mattos (2001, p. 108, 109), ressalta que os professores devem suspeitar de outros problemas coexistindo com TDAH nos seguintes casos:

⇒ Os comportamentos agressivos, impulsivos, o pouco convívio social dos portadores TDAH, e o falar sem raciocinar, podem implicar numa baixa aceitação ou rejeição por parte dos colegas. Em contrapartida, se a criança evitar o convívio com os demais colegas e professor pode apresentar um comportamento submisso e

tímido, e por isolar-se pode estar apresentando um quadro de depressão ou fobia social;

⇒ Se o comportamento agressivo for muito intenso, a criança aparenta sempre estar com raiva ou ressentida. Nesse caso, a criança apresenta ataques repentinos de raiva, hostilidade verbal, quebra das regras escolares, não atende a pedidos e discute com frequência com os colegas e professores. São taxadas de impicantes e provocadoras. Fala-se então do TOD (Transtorno Opositivo Desafiador);

⇒ Se o aluno sente vergonha de falar e público, evita fazer perguntas, fica imensamente ansioso antes das provas, se preocupa com as notas e o desempenho baixo além da medida, ele está com a presença da ansiedade;

⇒ Se o aluno não se envolve nas discussões, parece desmotivado e triste, fica quieto, chora com facilidade, cansa-se com frequência, culpa-se e recrimina-se por tudo, pode existir o caso da depressão;

⇒ Se o aluno tem o hábito de pegar materiais e objetos que não lhe pertence, de tratar mal os animais, destrói pertences da escola, dos amigos, mente com frequência, demonstra interesse sexual exagerado precocemente é provável que esteja apresentando sintomas do Transtorno de Conduta;

Frente a qualquer desses indícios, é importante que tais comportamentos sejam avaliados por um especialista. É preciso ter cautela e discernimento para não atribuir tudo ao TDAH. O professor deve gerenciar seus próprios sentimentos em relação à criança TDAH, o que não é tarefa fácil. Mas o professor que estuda o transtorno certamente terá outra compreensão sobre os fatos “[...] como é possível ensinar uma criança, cuidar dela, e se oferecer para ajudá-la constantemente quando ela é o tempo todo desagradável e nunca coopera?” (PHELAN, 2005, p. 193).

Certamente tendo um bom QE (coeficiente emocional) é que o professor conseguirá, porque da mesma forma que se ensina o conteúdo mais fácil e depois avança para o mais difícil, assim deve ser a relação, as exigências e o relacionamento, devem começar pelas mais fáceis e depois passar para as mais complexas, porque é fácil para um aluno “comum” pode ser difícilíssimo para um aluno que tem TDAH.

Apenas saber sobre a dificuldade não é satisfatório para solicitar a ação educativa. É necessário saber qual o estilo da aprendizagem, as competências, o caminho seguido para a aprendizagem. Partindo dessas intervenções é que se elabora e direciona o projeto educativo.

Muitos fatores contribuem para que o aluno tenha um baixo rendimento escolar, dentre eles as salas de aula superlotadas de alunos e o desconhecimento dos professores, reflexo da defasagem na formação e a má remuneração financeira e, além disso, os objetivos de ensino-aprendizagem têm sido os mesmos para todos os alunos deixando de ponderar as diferenças individuais em que cada aluno é um ser diferente dotado de necessidades específicas. Isto mostra que muitas dificuldades de aprendizado e má adaptação escolar do aluno com TDAH se ativam não só em razão de um planejamento educacional severo e desatualizado quanto aos objetivos e metodologia, mas também pela falta de integração entre professores.

CONCLUSÃO

A escolha de uma escola para um estudante com qualquer necessidade educativa especial deve atender as especificidades desse aluno, são estas que exigem da escola mais do que um simples amparo. Demanda serviços educacionais, investimentos no professor, tempo para que estes se reúnam e planejam, turmas de tamanho adequado as necessidades e auxílio técnico apropriado. Não se trata de uma responsabilidade única da escola. Incluir todos aqueles que estão presentes na vida desse aluno, para que a inclusão seja bem sucedida. Não existem regras pré-determinadas, mas há obrigações a serem atendidas desde que identificadas.

No Brasil, a Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional tem seu artigo 59 dedicado especificamente a Educação Especial, deixando bem claro o papel e as obrigações das instituições sobre a adequação do ensino aos alunos com necessidades especiais entre as quais inclui o portador do transtorno, embora esse transtorno, não seja citado, sendo considerado como Condutas Típicas.

O TDAH tem um grande empate no desenvolvimento educacional da criança. Vários estudos indicam que as crianças portadoras desse transtorno sofrem com esse impacto. Essas crianças no ensino regular passam a ter risco de fracasso duas ou três vezes maior do que àquelas sem dificuldades escolares e com inteligência equivalente.

A desatenção e a ausência de autocontrole, especificidades do transtorno aumentam em situações de grupo. Ao professor compete observar sinais como agitação e dificuldade de absorção. No intervalo das aulas a criança habitua a brigar ou brincar, na maioria das vezes, sozinha, e dessa forma tenta atrair a atenção dos colegas, ou se apresenta como se fosse alienada.

REFERÊNCIAS

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRASIL. **Declaração de Salamanca**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2016a.

_____. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 – **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 20 jul. 2016b.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 20 jul. 2016c.

GOLDSTEIN, Sam. GOLDSTEIN, Michael. **Hiperatividade, como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. Campinas: Editora Papyrus, 1994.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua**: Perguntas e respostas sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em criança, adolescente e adulto. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

PHELAN, Thomas W. **TDA/TDAH**: Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. São Paulo: M. Books do Brasil Editada Ltda, 2005.

ROHDE, Luis Augusto P. BENCZIK, Eyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**: O que é? Como ajudar? Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes inquietas:** entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas. São Paulo: Editora Gente, 2003.